



QUESTÕES
HERMENÊUTICAS
ATUAIS. Uma antiga
visão renasce e faz
da Bíblia um livro
novo



Carlos Mesters, OCD

Nasci nos Países Baixos em 1931. Vim para o Brasil como seminarista Carmelita em 1949. Entrei no noviciado carmelita em 1951. Em 1954 fui enviado para estudar em Roma em 1954. Fui ordenado sacerdote em 1957. Estudei no Pontifício Instituto Bíblico de Roma e na École Biblique de Jerusalém. Formei em Teologia Bíblica com tese sobre o Apocalipse na Universidade S.Tomas em Roma. Voltei para o Brasil em 1963. Fui professor de Bíblia no seminário em São Paulo e Belo Horizonte de 1963 até 1972. De 1972 até hoje trabalho com a Bíblia nas Comunidades Eclesiais de Base e faço parte do CEBI (Centro Ecumênico de Estudos Bíblicos).

INTRODUÇÃO

Nos anos 60 do século passado, foi publicado um livro pelo exegeta Luc Grollenberg, da Ordem dos frades Dominicanos, com o título *"Uma nova visão sobre um livro antigo"*. Livro muito bom que mostrava a visão nova que vinha emergindo da exegese histórico-crítica. Esta nova visão colocava a Bíblia no seu contexto de origem lá no passado. Muita coisa ficou mais clara e mais aceitável. Muita gente retomou a Bíblia com interesse redobrado. Mas esta nova visão faz da Bíblia um livro antigo. Isto é, faz saber como a fé foi vivida no passado, mas não informa o que Deus nos diz hoje por meio deste livro antigo.

Ora, está renascendo hoje, na prática da Igreja, *uma antiga visão que faz da Bíblia um livro novo*. Ela transparece na leitura oficial da Bíblia, na exegese científica, na retomada da exegese chamada patrística, na maneira de a Bíblia reler a Bíblia e na prática e bom senso das nossas comunidades eclesiais de base. Este é o assunto que vai ser abordado no presente artigo.

1. UMA INTUIÇÃO QUE VEM DA LEITURA OFICIAL DA BÍBLIA

No documento *Dei Verbum*, os bispos, reunidos em Concílio, fizeram *suas* as palavras da 1ª Carta de João: “*Aquilo que vimos e ouvimos nós agora anunciamos a vocês!*” (1Jo 1,2.3). Nesta frase, eles se referem ao que eles mesmos puderam *ver e ouvir* nos dias do Concílio e que, através do documento, querem comunicar aos membros das suas dioceses. O *nós* que, no texto original, é João, agora, no documento conciliar, são os bispos. Os destinatários que eram os membros da pequena comunidade na Ásia, agora, no texto dos bispos, são os cristãos católicos do século XX. Os bispos usam as *mesmas* palavras usadas por João, mas na boca dos bispos estas palavras se tornam veículo de uma experiência bem *diferente*. Mudou tudo: os destinatários, o remetente, o conteúdo, o lugar e a data. A única coisa que não mudou é a letra da Bíblia, o envelope, a embalagem.

Todos nós usamos a Bíblia assim: você, eu, Jesus, Pedro, Paulo, Lutero, São Francisco, Santa Teresinha, os bispos, os pastores,

os papas, as comunidades, os religiosos e as religiosas, os católicos, os protestantes, os crentes, todos e todas! Todos nós, quando temos uma experiência de Deus e da vida, tentamos expressá-la usando as palavras da Bíblia. Nesta maneira de usar a Bíblia transparece a incrível novidade deste livro antigo.

A Bíblia se parece com aquelas roupas típicas, que não mudam ao longo dos séculos, mas que em cada época e lugar são usadas por pessoas diferentes. Você vê alguém andando na rua e, de acordo com o tipo de roupa, você reconhece a pessoa e a função que ocupa, o trabalho que realiza, ou a festa que celebra. Na rua *reconhecemos* pela roupa a noiva, o padre, a freira, o soldado, o guarda suíça, a polícia, o rabino. Assim, vestir a roupa da Bíblia traz um *reconhecimento*. Tudo é diferente: remetente, destinatário, data, lugar e conteúdo. Só a roupa é igual. É pela roupa que nós reconhecemos a pessoa, e é pela roupa que a pessoa se identifica e se apresenta aos outros. Por que fazemos questão de expressar nossa experiência de Deus e da vida por meio de palavras da Bíblia?

2. DOIS QUESTIONAMENTOS QUE VÊM DA EXEGESE CIENTÍFICA

Aparentemente, a única vez que não procedemos assim é quando fazemos exegese propriamente dita, isto é, quando com a ajuda do método histórico-crítico procuramos determinar o que o texto significava na época em que foi escrito. Digo “aparentemente”, pois a realidade é outra.

1. No século XIX, o exegeta alemão Spitta fez uma análise rigorosamente científica do Evangelho de São João e chegou à conclusão de que o texto atual é uma composição de dois textos anteriores: um mais antigo e outro mais recente. No texto mais antigo, assim concluía, não havia milagre. O milagre só havia no texto mais recente. Depois, ficamos sabendo que ele, Spitta, não acreditava em milagre. E o que dizer das teorias de Michael Novak, exegeta norte-americano, que combina exegese científica com economia capitalista e conclui que os profetas, para não errarem tanto, deveriam ter feito um pouco

mais de análise da realidade econômica do seu tempo? E as teorias M. Noth e N.K. Gottwald sobre a origem do povo de Deus no tempo dos Juízes? O contexto em que eles viviam no século passado influenciou a exegese científica que faziam do texto bíblico. O exemplo mais bonito e inspirador é Rudolf Bultmann, um dos maiores exegetas do século passado. Ele chegou a elaborar a *História das formas* e a *Desmitização* a partir da sua experiência dolorosa como capelão militar durante

Nós, leitores e leitoras, fazemos parte da estrutura básica do processo da interpretação.

a primeira guerra mundial (1914-1918). O contato direto com os soldados nas trincheiras terríveis daquela guerra absurda levou-o a fazer uma releitura radical das coisas da Bíblia e, por meio da ciência, conseguiu devolver à Bíblia a sua atualidade e novidade. Há muitos outros exemplos. Por maior que seja o rigor científico, ninguém pode dispensar os próprios olhos na análise que faz dos textos. Não existe uma formulação inalterável, totalmente objetiva, da verdade, que atravessaria os séculos, imune às mudanças. Qual é a função da exegese científica? Como fazer com que isto se tor-

ne consciente em nós para evitar que a falta de consciência crítica faça do exegeta uma vítima co-laboradora ingênua da ideologia dominante.

2. Num encontro bíblico de religiosas da América Latina, maio de 2005, os grupos trabalharam um texto de Isaías sobre o Servo de Javé com esta pergunta: “O que diz o texto em si e o que ele diz para nós?” A partilha da interpretação foi muito rica e impressionou a todos. Foi feita a pergunta: “Se vinte anos atrás, nós, as mesmas pessoas, tivéssemos lido o *mesmo* texto, com as *mesmas* perguntas, neste *mesmo* lugar, será que teríamos feita a mesma interpretação que fizemos hoje?” Todos responderam categoricamente: “Não!” -“Por quê?” -“Porque nós mudamos!” Isto significa que nós, leitores e leitoras, fazemos parte da estrutura básica do processo da interpretação. No texto bíblico não existe um sentido totalmente objetivo, independente do leitor ou da leitora que hoje lê a Bíblia. A interpretação, por sua própria natureza, exige uma interação entre texto e leitor. Será que temos consciência de que nossa interpretação sempre tem e necessariamente deve ter um ele-

mento subjetivo e seletivo? Por outro lado, como evitar que a interpretação se torne uma “birtuta” que gira ao sabor do vento? Como usar os resultados da exegese histórico-crítica para evitar uma leitura desnordeada e superficial que não leva em conta o contexto histórico nem de hoje nem de ontem?

3. TRÊS COINCIDÊNCIAS DA EXEGESE DOS SANTOS PADRES

O povo das Comunidades ao ler a Bíblia traz consigo a sua própria história e tem nos olhos os problemas que vem da realidade dura da sua vida. A Bíblia aparece como um espelho, *sím-bolo* (Heb 9,9; 11,19), daquilo que ele mesmo vive hoje. Estabelece-se, assim, uma ligação profunda entre Bíblia e vida que, às vezes, pode dar a impressão aparente de um concordismo superficial. Na realidade, é uma leitura de fé muito semelhante à leitura que faziam os Santos Padres nos primeiros séculos das igrejas.

1. Método por associação de idéias.

A maneira de os Padres da Igreja fazerem exegese não se parece em nada com a nossa

exegese atual. Só temos em comum o texto bíblico e a vontade de descobrir lá dentro o que Deus nos quer dizer hoje. Por ex. quando Orígenes, Século IV, o maior intérprete do passado, comenta a travessia do Jordão e a tomada de Jericó do livro de Josué, a gente tem a impressão de que para ele o texto bíblico não passa de uma ocasião, oferecida por Deus, para ele fazer reflexões bonitas sobre a vida, sobre a Igreja, sobre a presença de Deus na vida, sobre a moral e tantas outras coisas. Santo Agostinho, no seu comentário clássico dos salmos, quase sempre, já na primeira palavra do salmo, esquece o sentido global do salmo e passa a interpretá-lo por associação de idéias que, aparentemente, nada tem a ver com o texto do salmo. Quando hoje o povo se reúne nos círculos bíblicos, ele tem um método semelhante. Interpreta o texto por associação de idéias ligadas à realidade da sua vida e não a partir do contexto histórico e literário, nem a partir das informações exegéticas. E o resultado está aí. Funciona!

Só temos em comum o texto bíblico e a vontade de descobrir lá dentro o que Deus nos quer dizer hoje.

2. Letra e Espírito, História e Alegoria.

Na medida em que cresce o conhecimento da Bíblia, cresce também o desejo de maior conhecimento da mesma. Na medida em que cresce o conhecimento crítico da realidade de hoje, cresce o desejo de maior conhecimento crítico da época em que nasceu o texto (letra). Pois a ingenuidade já causou muitos erros graves. A preocupação principal não é saber como era no passado (letra), mas sim de obter uma visão crítica a partir da Bíblia sobre a realidade de hoje, de saber qual o projeto de Deus que a Palavra de Deus nos propõe e de saber qual o compromisso que devemos assumir. Antigamente, os Santos Padres buscavam na Bíblia dois sentidos básicos: a **História** e a **Alegoria** ou, como diziam, a **Letra** e o **Espírito**. Santo Agostinho dizia que buscar o “espírito” sem fundamentá-lo na “letra” era o mesmo que construir um castelo no ar. São Jerônimo mandava cortar a casca da letra para descobrir dentro dela o fruto do

espírito. O objetivo não era conhecer a letra, mas partindo da letra atingir o sentido do espírito ou a alegoria. A alegoria (o sentido do Espírito) era dividida em três tipos: tropológico, escatológico e anagógico. Primeiramente, buscavam o sentido literal ou histórico e, em seguida, procuravam atualizá-lo em três direções: comunicar a visão de fé sobre a vida (tropológico), descobrir a utopia do futuro (escatológico) e conhecer o caminho para chegar até lá (anagógico). Uma atitude semelhante transparece na leitura que o povo faz nas comunidades eclesiais de base.

3. Relação Antigo e Novo Testamento.

Clemente de Alexandria dizia: “Deus salvou os judeus judaicamente, os gregos, gregamente, os bárbaros, barbaramente”. E podemos continuar: “Os brasileiros, brasileiroamente!” Todos temos o nosso Antigo Testamento. É a nossa história, nossa “letra”, tanto pessoal como comunitária e nacional. Como o AT do povo hebreu, também o nosso AT, a nossa história, está orientada

pelo “espírito” para desembocar na vida plena revelada por Jesus. O que importa na interpretação de um texto bíblico é descobrir, através do estudo da “letra”, esta mesma orientação da nossa “letra”, isto é, nossa vida e história para desabrochar em Jesus e na vida ressuscitada da Comunidade. Hoje em dia há grupos que, sem nunca terem ouvido falar de Clemente de Alexandria, tentam descobrir o que ele sugeriu, a saber, querem descobrir como Deus salva os brasileiros brasileiroamente. Isto é, eles procuram reler a história das lutas populares do Brasil do mesmo jeito e com os mesmos critérios com que o povo hebreu relia e interpretava suas lutas populares.

A leitura que a Bíblia faz do passado depende do momento vivido no presente e mantém aberta a porta do futuro.

4. QUATRO SUGESTÕES DA INTERPRETAÇÃO DA BÍBLIA PELA BÍBLIA

O texto da Bíblia não caiu do céu, mas nasceu aos poucos, ao longo dos séculos, como fruto da interpretação dos fatos da vida e da história. Nasceu como fruto de um longo processo da inter-

pretação. Nesta prática interpretativa que contribuiu para que a Bíblia pudesse nascer, crescer e formar-se, existe um método que deve ser levado em conta na interpretação que fazemos hoje da Bíblia.

1. O contexto celebrativo da Bíblia

O ambiente desta leitura e releitura progressiva da Bíblia era a liturgia, a celebração. Os santuários, as romarias, o Templo. Entre os textos mais antigos estão os cânticos de Miriam (Ex 15,20), Débora (Jz 5,2-31) e Ana (1 Sam 2,1-10) e a profissão de fé do livro do Deuteronômio (Dt 26,5-9). Se o texto bíblico nasceu e cresceu em ambiente de celebração, então a dimensão celebrativa deve ou deveria estar presente hoje na sua interpretação. Neste ponto, a leitura popular dá uma lição em todos nós, pois o povo sabe envolver a leitura da Bíblia com um ambiente fraterno e celebrativo.

2. A Visão global da história.

No AT e NT o que mais tem é

Visão Global da história. Eis algumas, atribuídas às seguintes pessoas: Moisés (Num 20,14-17; Dt 6, 20-25; 26,4-10), Josué (Js 24,2-15), Jefte (Jz 11,12-28), Neemias (9,5-37), Aquior (Jdt 5,5-21), Matatias (1Mac 2,49-68), Salmos (Sl 105, 106, 107, etc), Estevão (At 7,2-53), Paulo (At 13,15-41), etc. Todas elas evocam a mesma história, mas cada uma a seu modo. Nenhuma delas é igual à outra. É que os pés estavam em outra situação, o objetivo que os levava a reler o passado era diferente e o público alvo era outro. Isto significa que, na Bíblia, a visão global

*A Bíblia é acolhida
pelo povo como
Palavra de Deus.*

da história não é uma realidade objetiva independente da situação das pessoas que a observam no presente. A Visão Global da história parece mais um círculo que nasce a partir das preocupações das pessoas no presente, passa em revista os fatos da história do passado, seleciona alguns deles e termina, novamente, nas pessoas ou no grupo de pessoas que elaboraram a visão global. A Visão Global é tão global que engloba a própria pessoa que a elabora. O passado faz parte do presente. Não é como num museu, onde o passado está

objetivado, desligado do presente, mas é como no mito, onde o passado é o fundamento vivo e sempre atual da identidade do grupo. A leitura que a Bíblia faz do passado depende do momento vivido no presente e mantém aberta a porta do futuro. Como fazer isto hoje? Como selecionar os fatos da história da Bíblia em vista do nosso presente no Brasil?

3. Texto e Tradição.

A Bíblia parece um álbum de fotografias que retrata a história do povo de Deus. Uma fotografia não muda, mas o povo fotografado muda e continua mudando, até hoje. As fotografias não têm data e, muitas vezes, você não sabe qual delas é a mais recente e a mais apta para ser colocada no documento oficial da pessoa. Da mesma maneira, não temos certeza qual a redação final de muitos textos bíblicos que melhor retrate o rosto do povo de Deus e possa ser colocado no cânon oficial das igrejas: texto hebraico ou texto da *septuaginta*? O texto atual dos Atos dos Apóstolos ou o “Textus Occidentalis”?

A participação nos grupos bíblicos é experimentada como uma Boa Notícia de Deus para a vida das pessoas.

Isto significa que não se pode fazer do texto um ídolo. É o rio da *Tradição* viva do povo que carrega o barco do texto. Ora, na interpretação, o que importa não é a fotografia em si, mas sim o povo fotografado que foi mudando e que, hoje, em nós e através de nós, está olhando para a sua foto de antigamente em busca da sua memória, identidade e missão. O que importa não é o barco em si, mas sim poder viajar no barco

pelo rio até o porto. Como fazer com que o texto da Bíblia seja como uma fotografia antiga da nossa família, na qual reconhecemos hoje a nossa cara? Esta mistura de texto e tradição ajuda a desmascarar o tradicionalismo e o fundamentalismo

que, em nome de um falso conceito de fidelidade, matam a Bíblia.

4. O Método de Jesus no caminho de Emaús.

Andando com os discípulos até Emaús, Jesus teve um jeito especial de usar a Bíblia. a interpretação: *O primeiro passo*: aproximar-se das pessoas, escu-

tar a realidade, os problemas; ser capaz de fazer perguntas que ajudem a olhar a realidade com um olhar mais crítico (Lc 24,13-24). *O segundo passo*: com a ajuda da Bíblia, iluminar a situação e transformar a cruz, sinal de morte, em sinal de vida e de esperança. Assim, aquilo que impedia de enxergar, torna-se agora luz e força na caminhada (Lc 24,25-27). *O terceiro passo*: criar um ambiente orante de fé e de fraternidade, onde possa atuar o Espírito que abre os olhos e faz descobrir a presença de Jesus (Lc 24,28-32). *O resultado*: criar coragem e voltar para Jerusalém, onde continuam ativas as forças de morte que mataram Jesus e experimentar a presença viva de Jesus e do seu Espírito na experiência de Ressurreição (Lc 24,33-35).

5. CINCO PONTOS DE LUZ DA PRÁTICA DAS COMUNIDADES

Na raiz da interpretação popular da Bíblia existem alguns pontos de Luz que se parecem com aqueles rios que o povo chama de sumidouro. Rios que desaparecem e continuam debaixo da terra para reaparecer em outro

canto. Assim, alguns aspectos fundamentais da Tradição que estavam meio ausentes na exegese histórico-crítica, agora reapareceram, até com outro nome, nas periferias da igreja, onde o povo se reúne em torno da Palavra de Deus nas suas comunidades.

1. O ponto de partida: uma nova visão da revelação.

A Bíblia é acolhida pelo povo como *Palavra de Deus*. Esta fé já existia antes de nós chegarmos até ele. Sem esta fé, todo o método teria de ser diferente. O método “Ver-Julgar-Agir”, usado pela JOC e pela JUC, teve uma influência muito grande no jeito de o povo das comunidades ler a Bíblia. Este método mudou a visão que tínhamos da revelação de Deus. Procura-se, primeiro, *ver* a situação do povo. Em seguida, com a ajuda da Bíblia, procura-se *julgar* ou iluminar esta situação. Assim, a fala ou a revelação de Deus não vem da Bíblia, mas dos fatos iluminados pela Bíblia. E são estes que levam a *agir* e a celebrar de maneira nova. O povo faz a descoberta de que a Palavra de Deus não está só na Bíblia, mas também na vida. Com

a ajuda da Bíblia, descobre onde e como Deus *fala hoje*, através dos fatos.

2. O Critério básico que mais influi e menos aparece

Ao ler a Bíblia, o povo tem nos olhos os problemas da realidade dura da sua vida. A Bíblia torna-se espelho daquilo que ele mesmo hoje vive. Estabelece-se assim uma ligação profunda entre Bíblia e Vida. A partir disso, os pobres fazem a grande descoberta: “Se Deus esteve com aquele povo no passado, então está também conosco nesta luta que fazemos hoje para nos libertar, e escuta também o nosso clamor!” Assim vai nascendo, imperceptivelmente, uma nova experiência de Deus e da vida, um novo olhar, que se torna o critério mais determinante da leitura popular e que menos aparece nas suas interpretações. Pois o olhar não se enxerga a si mesmo, mas é com ele que enxergamos todas as coisas.

3. Consciência nova: “Nosso Livro, escrito para nós!”

A Bíblia já não é vista como um livro estranho que pertence ao clero, mas como nosso livro, “es-

crito para nós que tocamos o fim dos tempos” (1 Cor 10,11). Ela não entra pela porta da imposição autoritária e clerical, mas pela porta da experiência pessoal e comunitária. Ela se faz presente não como um livro que impõe uma doutrina de cima para baixo, mas como uma Boa Nova que revela a presença libertadora de Deus na vida e na luta do povo. A Bíblia confirma a caminhada do povo e o anima na sua esperança.

4. Novo Contexto, novo sujeito, novo objetivo

Cria-se um ambiente fraterno de fé, através de cantos, orações e celebrações. Este *contexto do Espírito* ajuda a descobrir o sentido que o texto antigo tem para nós hoje. A interpretação que o povo faz da Bíblia é uma atividade envolvente que compreende não só a contribuição do exegeta, mas também e, sobretudo, todo o processo de participação da parte da Comunidade: trabalho e estudo de grupo, leitura pessoal e comunitária, teatro, celebrações, orações, a própria vida na comunidade e em casa. O *sujeito* da interpretação não é o clero nem o exegeta, mas sim a comunidade. O *objetivo* da leitura não é conhecer e interpretar a

Bíblia, mas sim interpretar a vida com a ajuda da Bíblia; descobrir onde e como Deus fala pela vida. Este objetivo modifica a maneira de se usar a Bíblia e deverá ter uma influência determinante sobre o método que usamos na interpretação da Bíblia.

5. Nova maneira de anunciar a Boa Nova.

A participação nos grupos bíblicos é experimentada como uma *Boa Notícia* de Deus para a vida das pessoas. Os que participam dos grupos bíblicos se sentem como participantes ativos, responsáveis pela caminhada da sua Comunidade. Eles mesmos se encarregam de divulgar esta Boa Notícia e atraem outras pessoas para participar. Só Deus é quem sabe quantos grupos bíblicos existem. Esta dimensão comunitária ou eclesial é um elemento constitutivo da interpretação, mesmo quando a pessoa estuda ou lê sozinha a Bíblia. Aqui está o primeiro passo para ajudar as pessoas a se libertarem da prisão da letra e, assim, superarem o tremendo perigo do fundamentalismo que gera

alienação sob todos os pontos de vista.

CONCLUSÃO

Tudo isto que vimos até agora, revela a atualidade da Bíblia. Mostra que está renascendo a *antiga visão que faz da Bíblia um livro novo*.

Sentimos a Bíblia como algo que é nosso, da nossa família. Ela expressa o que somos e vivemos.

Agora no fim, algumas conclusões em torno destas três palavras, Familiaridade, Liberdade, Fidelidade.

Familiaridade:

Sentimos a Bíblia como algo que é nosso, da nossa *família*. Ela expressa o que somos e vivemos. Expressa a nossa identidade, da qual não abrimos mão e que queremos aprofundar cada vez mais. Por isso, fazemos questão de revestir nossas experiências com palavras da Bíblia. Usando as palavras da Bíblia como embalagem para verbalizar nossos pensamentos, intuições e experiências, estamos dizendo que nossa experiência está situada no grande rio da Tradição que vem desde os tempos da Bí-

blia e dos Padres da Igreja. Ele expressa o desejo de beber do mesmo poço em que beberam as pessoas do tempo de Jesus, e de sentir-nos animados pelo mesmo Espírito que animava o povo de Deus naquele tempo. Sentimo-nos em casa dentro da Bíblia. É nosso livro! E por ser *nosso* livro, podemos usá-lo com liberdade. É o livro de cabeceira que nos dá identidade. Como diz São Paulo: “Foi escrito para nós que tocamos o fim dos tempos” (1 Cor 10,11). Dizia Tomás, um agricultor da Paraíba: “Fui notando que se a gente vai deixando a Palavra de Deus entrar dentro da gente, a gente vai se divinizando. Assim ela vai tomando conta da gente e a gente não consegue mais separar o que é de Deus e o que é da gente. Nem sabe muito bem o que é Palavra dele e palavra da gente. A Bíblia fez isso em mim” (Por trás da Palavra 46(1988)28). Esse jeito de Tomás usar a Bíblia na vida faz lembrar Maria, a mãe de Jesus. Para fazer o seu salmo ela fez como Tomás: expressou a sua própria experiência de Deus e da vida com palavras da Bíblia. O salmo dela, o Magnificat (Lc 1,46-55), é uma bonita colcha de retalhos, quase todos tirados do livro dos Salmos.

Liberdade:

Usamos a Bíblia para expressar experiências nossas do Século XXI. Hoje cresceu a sensibilidade da consciência humana. Já não se aceita a violência que aparece legitimada em nome de Deus em muitas páginas do AT. Quando na Bíblia encontramos afirmações que já não combinam com a sensibilidade humana de hoje, tomamos a liberdade de pular o texto ou de explicá-lo simbolicamente. Por exemplo, nosso breviário omite o salmo 109(108) que só fala em vingança. Jesus, Paulo e os primeiros cristãos tinham a mesma liberdade quando citavam o Antigo Testamento. Jesus repete seis vezes no Sermão da Montanha: “Antigamente foi dito, mas eu digo....!” (cf. Mt 5,21.27.31.33.38.43). Em nome da Bíblia, os doutores condenavam Jesus. Jesus, usando a mesma Bíblia, rebate a acusação e, de certo modo, coloca-se a si mesmo como novo critério da interpretação quando diz: “O Filho do Homem é dono do sábado!” (Mc 2,28). “As escrituras dão testemunho de mim!” (Jo 5,39) A pretensa fidelidade dos escribas à letra da Bíblia não foi capaz de enquadrar a liberdade

do Espírito que atuava em Jesus. Este Espírito dava a ele uma chave nova para captar o sentido profundo da letra e um critério novo para condenar o fundamentalismo estreito dos escribas e fariseus daquela época. Jesus tomava essa liberdade não para reduzir a mensagem ao tamanho do seu próprio pensamento, mas sim para ser fiel à intenção mais profunda da Palavra de Deus. “Não vim para acabar com a Lei, mas para levá-la ao seu pleno cumprimento!” (Mt 5,17). A liberdade de Jesus era expressão da sua fidelidade.

Fidelidade:

Se a consciência nova da humanidade nos leva a contestar certas passagens da Bíblia e a explicá-las de outra maneira, não o fazemos para adaptar a Bíblia ao nosso modo de pensar. Mas o fazemos para ser fiel à intenção mais profunda da Bíblia e para preservar bem limpa a fonte de onde tudo nasceu e continua nascendo, que é Deus. Acontece também o contrário. Quando o estudo exegético mostra que minha interpretação for-

çou o sentido da letra, então a fidelidade me obriga a mudar e a ser fiel à letra. A letra é como a fundação sobre a qual se ergue a casa. Mas morar, a gente mora na casa, e não nas fundações. Por outro lado, quando a fidelidade à letra ameaça abafar a liberdade do Espírito, a reação vem imediata e diz: “A letra mata, é só o Espírito que pode dar vida à letra!” (cf. 2 Cor 3,6). Isto significa que, no fundo, o critério básico ou a fonte de tudo não é a Bíblia nem o estudo da Bíblia, mas sim a experiência que hoje temos de Deus e da vida, não eu sozinho, mas o eu dentro de nós da comunidade, da Igreja e em comu-

nhão com ela, recebendo dela a minha identidade e sensibilidade. O critério básico está nesta interação do texto do passado conosco que hoje lemos o texto. De certo modo, continuamos a escrever a Bíblia. O importante é o diálogo, a partilha, a escuta sem dogmatismo, tanto entre nós hoje, como com o nosso passado e com a letra. Na hora em que alguém ou um grupo impõe aos outros a sua maneira de ver

*Usamos a Bíblia
para expressar
experiências
nossas do Século
XXI. Hoje cresceu
a sensibilidade
da consciência
humana.*

as coisas, exigindo obediência em nome de Deus, sem escutar o conjunto, sem escutar a letra e sem escutar o Espírito que hoje sopra e sem levar em conta a experiência de hoje, ele se isola, por mais que pense ser a cabeça ou o coração. A história o comprova.

Devemos ir aprofundando os três rumos: familiaridade, liberdade e fidelidade, não como três caminhos diferentes ou paralelos, mas como três galhos que nascem da mesma raiz. Não de uma raiz teórica, mas da raiz da experiência de Deus e da vida. Dos três caminhos, o mais importante é a familiaridade. Penso que nos falta a familiaridade, sentir-nos em casa na Bíblia, como Tomás e Maria, como Jesus e Paulo, ou como dizia dona Ângela de Aratuba, Ceará. Depois de um cursinho de Bíblia ela disse: “Nem precisou sair do Ceará para entender a Bíblia! Ela acontece é aqui mesmo!”. A familiaridade impede que a Bíblia, o passado, se torne o museu da religião; impede que o fundamentalismo, seja ele carismático ou libertador, se aproprie da fidelidade e mate em nós a liber-

dade. É a familiaridade que gera a verdadeira liberdade dos filhos e filhas na casa dos pais e faz da Bíblia um livro novo.

O texto é a manifestação de uma realidade mais profunda e mais ampla. Os textos são como janelas que nos permitem olhar para dentro desta realidade e perceber o que está acontecendo lá no mais íntimo da vida do povo de Deus e *de nós mesmos*. O que importa não é o texto em si, mas sim aquilo que se percebe e se adivinha através da janela do texto. O texto serve de critério de orientação ou de *cânon* nesta descoberta progressiva de Deus na vida e na história. É mapa de viagem. O que importa na interpretação é fazer com que esta realidade adormecida em nós possa renascer e reanimar pelo lado de dentro, todas as nossas atividades. O que importa é que o texto nos conduza para um contato vivencial com a realidade por ela revelada e nela escondida. O *sentido* de um texto vem de *sentir*. Interpretar é fazer com que nós, sentindo, possamos usar as palavras antigas do texto como sendo *nossa* palavra para expressar a realidade nova por nós experimentada.

“A letra mata, é só o Espírito que pode dar vida à letra!”

Era esta a função dos mitos na vida dos povos.

Vale à pena lembrar o gesto de Milton Schwantes em 1983, em Belo Horizonte, numa celebração da penitência durante um encontro do CEBI para elaborar um projeto de formação. Ele pegou um graveto seco, segurou-o em cima de um fogo que estava aceso no centro da assembléia e disse: “Tudo que fizermos com a Bíblia em nível de formação: pesquisa, estudo, cursos, projetos, aprofundamento, comentários, se não estiver a serviço dos grupos de base, onde a palavra de Deus entra na vida” - aí você deixou o graveto cair no fogo - “que seja queimado e esquecido!”